



PRECONCEITO DE GÊNERO COM ATLETAS DE RUGBY EM PAÍSES COM CULTURAS ESPORTIVAS DISTINTAS

Giovanna Xavier de Moura¹; Fernando Augusto Starepravo²

RESUMO

O Rugby é um dos esportes mais praticado do mundo, sendo praticado por 4.63 milhões de pessoas e apenas 1,76 milhões são mulheres (WORLD RUGBY, 2014). Por ser um esporte de nível alto de contato físico é considerado socialmente como masculino/masculinizador, podendo levar às mulheres que o praticam a situações de hostilidade. Dessa forma, este trabalho tem como objetivo analisar o preconceito de gênero e sua relação com a cultura do Rugby a partir da percepção das atletas praticantes da modalidade. Para tanto, serão realizadas entrevistas semiestruturadas com 24 atletas, sendo 12 de Seleção Brasileira e 12 de uma Seleção Estrangeira (que tem tradição da modalidade). As entrevistas serão gravadas, transcritas e analisadas por meio da Análise de Conteúdo de Bardin (2009) com contribuições do software N-Vivo10. Trata-se de um trabalho em andamento. Após a realização das entrevistas, os dados serão categorizados em: presença/popularidade do Rugby, apoio/incentivo a sua prática, relação Rugby e sociedade, relações do preconceito com a cultura da modalidade. Ao final, espera-se verificar se há relação entre a percepção de preconceito das atletas e a popularidade da modalidade, relacionando o preconceito de gênero a determinantes culturais.

PALAVRAS-CHAVE: *Preconceito de Gênero; Rugby; Cultura.*

ABSTRACT

Rugby is one of the most practiced sports in the world, played by 4.63 million people but only 176.000 women (WORLD RUGBY, 2014). It is socially said to be male-oriented sport

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação Física associado UEM/UEL. Bolsista CAPES. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas Públicas de Esporte e Lazer da Universidade Estadual de Maringá

² Doutor pela UFPR. Professor TIDE na Universidade Estadual de Maringá (graduação e pós-graduação). Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisa em Políticas Públicas de Esporte e Lazer



which can lead women players to hostile situations, due to its high level of physical contact. Thus, this in progress work aims to analyze gender bias and its relationship with the culture of Rugby from the perception of athletes who practice this sport. Therefore, semi-structured interviews will be conducted with 24 athletes, 12 from the Brazilian National Team and 12 from a foreign selection, the latter chosen from a country which has a tradition in this sport. The interviews will be recorded, transcribed and analyzed using Bardin's Content Analysis (2009) with contributions from the N-Vivo10 software. The data will be categorized into: presence /popularity of Rugby, support/encouragement for its practice, the relationship between rugby and the society where it is practiced, and the relations of prejudice with the culture of the sport. Eventually it is expected to ascertain if there is a relationship between the perceived bias of the athletes and the popularity of the sport in the scope of the research, relating gender bias to cultural determinants.

KEY-WORDS: *Gender Prejudice; Rugby; Culture;*

RESUMEN

El rugby es uno de los deportes más practicados en el mundo, es jugado por 4,63 millones de personas pero sólo 176.000 de ellas son mujeres (WORLD RUGBY, 2014). Socialmente se dice que es un deporte masculino, debido a que puede conducir a las jugadoras a situaciones hostiles por su alto nivel de contacto físico. Por lo tanto, este trabajo tiene como objetivo analizar el sesgo de género y su relación con la cultura de Rugby, a través de la percepción de los atletas que practican este deporte. Por ello, se realizarán entrevistas semiestructuradas con 24 atletas, 12 de la Selección Brasileña y 12 de una selección extranjera, esta última elegida de un país que posea una tradición en el deporte. Las entrevistas serán grabadas, transcritas y analizadas mediante contenido de Bardin (2009) con contribuciones de software N-Vivo10. Los datos se clasificarán en: presencia / popularidad del rugby, apoyo / estímulo para su práctica, relación entre el rugby y la sociedad en la que se practica, y los prejuicios con la cultura del deporte. Se espera determinar si existe una relación entre los prejuicios de los atletas y la popularidad del deporte en el ámbito de la investigación.



PALABRAS CLAVES: preconceito de gênero; rugby; cultura;

INTRODUÇÃO

O esporte feminino tem se tornado tema de interesse de autores de diversas partes do mundo. Pesquisas sobre as mulheres desportistas têm surgido no que se refere a sua história, seu corpo, seu comportamento e sua inserção ou exclusão no campo esportivo (MOURÃO, 2003; KNIJNIK, 2003; GOELLNER, 2008, 2012).

Entretanto, apesar de algumas sociedades terem progredido e se tornado menos rígidas no que tange às atividades somente para homens ou para mulheres, percebe-se ainda, em alguns casos, uma certa inflexibilidade neste aspecto.

Bourdieu (2002), em seu trabalho “A Dominação Masculina”, discorre sobre as assimetrias socialmente institucionalizadas entre homens e mulheres e como estas podem comprometer negativamente não somente as mulheres, mas qualquer grupo estigmatizado.

Sobre a mulher no esporte, Goellner (2012, p. 74) questiona as representações historicamente construídas e impostas na sociedade atual, em que temas, que apesar de pouco abordados merecem destaque, como, por exemplo,

a crença de que algumas modalidades as masculinizam [mulheres] e por essa razão devem ser evitadas; [...] a erotização no modo de se referir às atletas, destacando seus atributos físicos e estéticos (ou a ausência deles) e não seus méritos esportivos [...] e a não compreensão de que se pode constituir como um espaço capaz de empoderá-las³.

O Rugby, uma das modalidades possíveis de ser enquadrada no grupo por se tratar de um esporte em que há um elevado nível de contato físico entre os jogadores, pode ser considerado um esporte “bruto” e agressivo. De acordo com Almeida (2008, p. 40), as atletas praticantes desta modalidade encontram-se “num meio social permeado de símbolos e representações, as quais na maioria das vezes privilegiam os homens, e as masculinidades”.

³ Termo trazido da língua inglesa (empowerment) para o português pelo educador Paulo Freire, entretanto com uma conotação diferente. De acordo com Valoura (2006, p. 2), para Freire “a pessoa, grupo ou instituição empoderada é aquela que realiza, por si mesma, as mudanças e ações que a levaram a evoluir e se fortalecer”



Esta afirmação pôde ser corroborada por Moura (2014) que pesquisou uma equipe de Rugby na cidade de Maringá, Brasil. Ela observou que o público que acompanhava o time se sentia desconfortável com a prática da modalidade por mulheres, pois acreditava ser o Rugby um esporte basicamente masculino, e que por este motivo as mulheres não deveriam praticá-lo. Estas considerações foram percebidas pelas atletas como preconceito. No estudo, os resultados apontados pelas atletas que a existência do preconceito dá-se, principalmente, pela falta de conhecimento da modalidade.

Se por um lado o Rugby não é popularizado no Brasil, como apresentado pelo Diagnóstico Nacional de Esporte de 2013⁴ em que o Rugby aparece em penúltimo lugar nas modalidades preferidas por estado, em outros países, principalmente de origem inglesa, como Inglaterra, Nova Zelândia, Austrália, e tantos outros como França, Irlanda, África do Sul, Fiji, Canadá, este esporte é bem difundido, sendo considerado uma de suas principais modalidades, se não a principal.

Joncheray e Tlili (2013) afirmam que as mulheres praticantes de Rugby da primeira divisão francesa enfrentam barreiras sociais como por exemplo, ser este um esporte dito masculinizador, violento e perigoso, que suas habilidades não são tão desenvolvidas como a dos homens, e que sua orientação sexual é colocada em questão, sendo portando não indicado para mulheres.

Podemos considerar como uma dessas barreiras sociais: o preconceito. Por preconceito, entendemos uma atitude, crença e comportamentos negativos contra um grupo ou membro dele, com base na convicção de que possuem atributos negativos pelo fato de pertencer àquele grupo (ALLPORT, 1954; MEZAN, 1998). O preconceito pode ser subdividido em 3 componentes: base cognitiva, componente afetivo e componente comportamental (ação) (RODRIGUES; ASSMAR; JABLONSKI, 2009).

Em se tratando de preconceito de gênero, relevante para este trabalho, muitas vezes é entendido como o preconceito contra as mulheres, tanto no discurso popular quanto no científico-social (DOVIDIO; GLICK; RUDMAN, 2005). Para Parga *et. al* (2001) o

⁴ De acordo com o Diesporte, o Rugby até então era procurado apenas na região Sudeste, com 0,20% de praticantes da região.



consideramos como “atitudes sociais que discriminam as pessoas de acordo com o seu sexo”, e, em concordância com Crochik (1997), muitas vezes é despercebido por estar engendrado culturalmente.

Convém ressaltar que, de acordo com Saffioti (1987, p. 9), “cada sociedade elabora distintos significados para o mesmo fenômeno [...] constitui[ndo] sua dimensão social, cultural ou sociocultural”. Dessa forma, mesmo o preconceito e o Rugby estando presente nos mais diversos países, estes fenômenos podem apresentar, respectivamente, diferentes sentidos para as atletas, assim como ter diferentes representações nas sociedades pela sua dimensão cultural.

Levando em consideração a discussão sumariamente apresentada relacionada ao preconceito no esporte feminino, especificamente no Rugby, e as relações da modalidade com as diferentes sociedades, conduziram-nos a questionamentos como, por exemplo: De que forma se dá a participação das mulheres no Rugby em países com culturas esportivas distintas? De que forma as atletas propõem-se a superar o preconceito de gênero na modalidade?

Estas indagações nos conduziram a problematizar a pesquisa, buscando analisar o preconceito de gênero e sua relação com a cultura do Rugby a partir da percepção de atletas praticantes da modalidade de diferentes países.

A RELAÇÃO PRECONCEITO E ESPORTE FEMININO

Para desenvolver o trabalho proposto, faz-se necessário compreender os significados de “preconceito”. Uma das definições mais aceitas na comunidade científica é a de Allport (1954), em que apresenta ser uma antipatia baseada em uma generalização inflexível e errada podendo somente ser sentida ou expressa abertamente sendo dirigida a um indivíduo ou um grupo como um todo, concebido pelo grupo dominante em direção ao dominado. Autores como Carmino e Pereira (2002) ressaltam que o preconceito é desenvolvido em torno das relações de poder entre grupos.

Para alguns, como Rodrigues, Assmar e Jablonski (2009) e Vieira (2012), o preconceito possui três componentes: base cognitiva, componente afetivo e componente



comportamental, representando respectivamente o estereótipo, o sentimento negativo e a discriminação. Entretanto, outros autores como Jones (1972) consideram apenas a base cognitiva e o componente comportamental.

O estereótipo, então, é um produto cultural (CROCHIK, 1997) que tem como características centrais a alusão a atributos ou comportamentos que são generalizados, baseados no fato de pessoas ou grupos pertencerem a uma categoria social (MILLER, 1982; OAKES; HASLAM; TURNER, 1994). De acordo com Rodrigues, Assmar e Jablonski (2009, p. 144) “quando o estereótipo é suficientemente forte, até os membros do grupo alvo tendem a aceitá-lo”. Estes mesmo autores apresentam a discriminação no que se referem as ações do preconceito, ou seja, desgostar de determinados grupos ou pessoas e se comportar de forma ofensiva no que tange a eles, seja com condutas agressivas, expressões verbais hostis, dentre outros atos. O terceiro componente, o afetivo, é considerado o sentimento ou emoções em relação a um grupo de indivíduos.

A autora Vieira (2012) relata que existem três tipos de preconceito: o preconceito teórico, o preconceito ao imigrante e o preconceito à mulher, que tem sido bastante explorado atualmente. O preconceito à mulher é comumente definido como preconceito de gênero. Devido ao aumento da procura do esporte pelas mulheres, o preconceito de gênero nesse âmbito tem sido discutido. Festle (1996) citado por Hillebrand, Grossi e Moraes (2008), assevera que as mulheres atletas enfrentam dois tipos de preconceito social: (1) relacionado a sua competência para a prática esportiva pelas suas diferenças físicas e, (2) relacionado a masculinização por praticar esportes.

Um fator que merece destaque sobre o preconceito é sua relação com a cultura, muito enfatizada por Crochik (1997) ao afirmar que o primeiro é engendrado pelo segundo. O autor complementa que o que leva uma pessoa a ser ou não preconceituosa está em seu processo de socialização, e este é fruto da cultura e da história, sendo assim “na transmissão da cultura para as gerações mais jovens, já são transmitidos preconceitos [...]” (p. 16). Em sentido semelhante, Vieira (2012) afirma que o preconceito é produzido dentro das relações humanas sendo transmitido de indivíduo para indivíduo, de geração para geração.



Estas afirmações nos levam a pensar que, por exemplo, o preconceito com as mulheres atletas foi transmitido culturalmente, considerando que por muito tempo foram proibidas de praticar esportes por não enquadrar com suas condições maternas, beleza e fragilidade e, ainda, atualmente “preconceitos e estereótipos são de toda ordem são arguidos e levantados para impedir ou limitar a [sua] participação [...]” (KNIJNIK, 2003, p. 40).

Essa relação de gênero nos esportes, “tem sido uma história cheia de acontecimentos compostos por rejeições, lutas, preconceito e um lento reconhecimento” (JONCHEREY; TLILI, 2013, p. 773 - tradução nossa). Ainda na Grécia Antiga, principalmente com o início dos Jogos Olímpicos, as mulheres não podiam praticar atividades físicas pela necessidade de preservar seus corpos, mantendo sua feminilidade, graciosidade e condições maternas intactas. A elas ficava restrito assistir, aplaudir e coroar os vencedores (DEVICE, 2005).

Aos poucos as mulheres foram se inserindo no âmbito esportivo em modalidades como o críquete, o hipismo, ciclismo no século XVII, o basquete e a ginástica sueca no século XIX. A primeira participação feminina em olimpíadas foi em 1900 com as modalidades de tênis e golfe, sendo que doze anos mais tarde já haviam sido inseridas modalidades como o tiro com arco, tênis patinação e natação. (KNIJNIK, 2003; COI, 2013).

Foi pela natação que a participação feminina em Olimpíadas se deu, com Maria Lenk em 1932. Mesmo com a inserção feminina brasileira nos esportes, mais especificamente nas Olimpíadas, a participação das mulheres ainda não era bem vista. Segundo Goellner (2006, p. 88), a partir desse marco iniciaram os “discursos que alertavam para possíveis perigos que a prática competitiva poderia representar, entre eles, o da masculinização da mulher”.

Discursos como este se estenderam durante o Estado Novo (1937-1945), período em que o Estado buscava controlar a sociedade, e o esporte passa a ser um setor de atuação do poder público (STAREPRAVO, 2011). Como forma de controle, as mulheres foram proibidas legalmente de praticar determinados esportes como: futebol, futsal, polo



aquático, lutas, rugby, halterofilismo, por uma deliberação imposta pelo então presidente Getúlio Vargas, que acreditava que a prática destes esportes masculinizava seus corpos. Este decreto foi revogado em 1979 (KNIJNIK, 2003).

Ainda hoje episódios como esse se repetem. Mesmo com a crescente participação feminina nos esportes, tendo seu número de atletas próximo ao número de atletas homens em Olimpíadas⁵, de acordo com Knijnik (2003, p. 85), as mulheres ainda “[...] passam a ser julgadas não só pelos seus talentos esportivos, mas também pelo seu estado civil, sexualidade, moralidade e atributos físicos”.

Socialmente, o desporto ainda demonstra ter a característica de ser reservado a homens, pois representa agressividade, força, virilidade, e as mulheres não se enquadrariam a eles. Às mulheres atletas, então, caberiam três possibilidades: ou permanecer no esporte, ou conviver com esse conflito ou então, ser vista como pouco feminina (DEVICE, 2005).

As observações realizadas reforçam o que Willis (1994) *apud* Device (2005) assevera, de que o esporte é influenciado pela sociedade em que está inserido, refletindo e reforçando seus valores. Como citado anteriormente, essas manifestações são transmitidas por gerações, fazendo com que ainda nos dias de hoje, mesmo que de forma ultrapassada, a mulher atleta tenha sua sexualidade, seus corpos e sua feminilidade colocados em xeque. Dessa forma, para que esse panorama seja debatido, viabilizando diferentes opções às atletas, é necessário que trabalhos sobre as questões de gênero no esporte sejam realizados.

RUGBY E SOCIEDADE

O Rugby é um esporte que surgiu na Inglaterra em 1823, e que, assim como o futebol, tem sua base em antigos jogos gregos (DUARTE, 2000). Uma das características mais marcantes dessa modalidade é o acentuado nível de contato físico entre os jogadores. Conforme Almeida (2008, p. 49), esta característica faz com que pareça ser “um esporte violento, por apresentar imagens agressivas, duras [...] e que muitas vezes impressionam os

⁵ Conforme o Comitê Olímpico Internacional (COI), em 2012 as mulheres representaram aproximadamente 45% no número total de atletas nas Olimpíadas de Londres.



espectadores”. Por esse motivo é um dos esportes considerado socialmente como de domínio masculino, sendo que para as mulheres que o praticam acabam gerando certas desconfianças que vão “desde a capacidade para jogar o jogo até a sexualidade [...]” (PACHECO, 2014, p.2).

Há uma preocupação de que por praticarem o Rugby, assim como outros esportes como o futebol e as lutas, as atletas se tornariam masculinas. Dessa forma, as atletas de Rugby estariam quebrando “as regras do contrato social” e acabando com os ideais femininos de ser preciosa, frágil, desajeitada e ser impróprio para a força que o esporte exige (JONCHERAY; TLILI, 2013).

Almeida (2008) afirma que o esporte é carregado dessas significações generificadas; Joncheray e Tlili (2013) e Brandão e Casal (2003) justificam esta assertiva ao sustentar que isto estaria ligado ao entendimento de uma cultura sobre o que pode ser considerado feminino e masculino, e às atividades gênero-estereotipadas. Wright e Clarke (1999) enfatizam em seu trabalho “*Sport, the media and the construction of compulsar heterosexuality*” que estes processos de naturalização e normalização sobre o que é feminino e masculino, sobre o corpo, esporte e relações sociais é fruto da influência da mídia.

De acordo com a literatura sobre o Rugby feminino (PACHECO, 2014; ALMEIDA, 2008; MOURA, 2014; JONCHERAY; TLILI, 2013; WRIGHT; CLARKE, 1999) além da ideia de ser um esporte masculino e masculinizante, são direcionados às atletas discursos que colocam sua sexualidade em questão assim como seus corpos. Esses discursos remetem a generalizações de quem as atletas praticantes dessa modalidade são lésbicas e sobrepesadas. Além disso, outras manifestações de preconceito são apresentadas pelos autores, como exemplo: ser um esporte inapropriado para mulheres, ser esporte de/para homem, ser violento, incapacidade feminina de praticá-lo, não condizente com sua postura profissional. Por esses motivos, conforme Rial (1998), muitos dos pais de atletas acabam opondo-se à prática desse esporte, mesmo sem impedi-las.

O que percebe-se é que essas atletas, segundo Joncheray e Tlili (2013), são colocadas em uma posição delicada, em que se por um lado elas agem como mulheres, são



consideradas incompetentes para a prática do Rugby, e, por outro lado, se agem como homens, correm o risco de perder sua feminilidade. Esta afirmação vai, de certo modo, ao encontro com o que Pacheco (2014) e Almeida (2008) asseveram sobre o dilema encontrado nas atletas praticantes do Rugby. Ao mesmo tempo em que querem ser afastadas de um modelo de sexo frágil, no sentido de que para praticar a modalidade não pode ser “mimimi”, “ter corpo mole”, e que por vezes alguns discursos masculinizadores⁶ são tidos como elogios, elas querem reforçar esse mesmo padrão de feminilidade, de forma a se afastarem das insinuações de masculinidade e homossexualidade mostrando que podem jogar e ser femininas.

A partir dos apontamentos feitos, e considerando o comprometimento da cultura para a percepção do que é aceito ou não socialmente, nos levam a pensar se essas cenas acontecem mesmo em países em que há uma cultura do Rugby, isto é, se mesmo em um país em que a modalidade é bem conhecida e popular as atletas sofrem preconceito.

METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa descritiva. A pesquisa qualitativa tem como característica a busca do pesquisador em compreender os fenômenos de acordo com a perspectiva dos participantes e da situação que pretende estudar, ou seja, busca entender o significado que os participantes dão às coisas fazendo sua interpretação. Além disso, por meio do contato direto entre o pesquisador e o fenômeno, são alcançados os dados descritivos (NEVES, 1996; GODOY, 1995).

De acordo com Gil (2008), a pesquisa descritiva tem como objetivo descrever as características de um fenômeno, ou ainda de um grupo, pelo estabelecimento de relação entre as mais possíveis variáveis, como por exemplo, a distribuição por idade e sexo, nível de escolaridade, nível de atendimento em órgãos públicos e levantando opiniões e atitudes de uma população. Esse tipo de pesquisa ainda apresenta como característica a utilização de uma coleta de dados com técnicas padronizadas, como a observação sistêmica e os questionários.

⁶ Jogar como homens, ser forte



O estudo será realizado com atletas de seleções nacionais femininas de Rugby *Sevens*, sendo doze atletas da seleção brasileira e doze atletas de uma seleção estrangeira, considerando-se que em campeonatos oficiais este é o número de atletas que cada equipe pode inscrever. Como critério de seleção para a equipe estrangeira, utilizaremos uma seleção de um país que a modalidade é popular.

Como instrumentos de pesquisa serão utilizadas entrevistas semiestruturadas baseadas em um roteiro que deverá ser validado previamente por meio de uma entrevista teste. De acordo com Richardson (2007), esse modelo de entrevistas busca obter o que é considerado mais relevante sobre o problema a partir da descrição dos entrevistados de determinadas situações. Visa saber o “que”, o “como” e o “por que” de um evento ocorrer a partir do conhecimento do entrevistado. Dessa forma, o entrevistador pode acrescentar ou direcionar melhor as entrevistas de acordo com as respostas apresentadas pelos entrevistados.

Foram encaminhados às Confederações referentes as seleções participantes, uma carta de autorização a realização da pesquisa. Em caso de concordância por parte das Confederações, o estudo deverá ser submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa envolvendo Seres Humanos (COPEP) da Universidade Estadual de Maringá.

Ulterior ao contato, as entrevistas serão agendadas e efetuadas individualmente a partir do segundo semestre de 2016, após os devidos esclarecimentos e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As entrevistas terão tempo aproximado de 20 minutos e serão realizadas na língua nativa das atletas, que atuarão de forma voluntária, podendo a qualquer momento desistir de sua participação.

Posteriormente, as entrevistas serão transcritas, categorizadas e analisadas a partir da Análise de Conteúdo de Bardin (2009). Além disso, utilizaremos o software NVivo 10 para contribuir com a categorização e análises a serem realizadas. Como categorias, *a priori*, elencamos da seguinte forma: presença e popularidade do Rugby nos países, apoio e incentivo a prática do Rugby, relação Rugby e sociedade, relações do preconceito com a cultura do Rugby.



ANDAMENTO DA PESQUISA

Esta pesquisa faz parte de um projeto de dissertação de mestrado que está em andamento. Já foram realizados os contatos com as Confederações e treinadores, sendo que o retorno da Confederação Brasileira de Rugby foi favorável. Quanto a Seleção Estrangeira, nosso primeiro contato foi com a Seleção Inglesa, mas ainda não recebemos o retorno. A partir do momento em que houver a aprovação das duas seleções, o projeto será encaminhado ao comitê de ética. Caso tenhamos o consentimento, as entrevistas serão agendadas. Para a Seleção Brasileira as entrevistas serão realizadas prioritariamente dentro do centro de treinamento, e para a seleção estrangeira pretendemos realiza-las durante a etapa do circuito mundial *Women's Sevens World Series* que acontece todo ano no Brasil desde 2014.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, T. R. **Fortes, aguerridas e femininas: um olhar etnográfico sobre as mulheres praticantes de Rugby em um clube de Porto Alegre.** Dissertação - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.
- ALLPORT, G. W. **The Nature of Prejudice.** Massachusetts: Addison-Wesley. 1954.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo.** Lisboa: Edições 70, LDA, 2009.
- BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina.** 2ª ed, Rio de Janeiro: Beltrand Brasil, 2002.
- BRANDÃO, M. R. F.; CASAL, H. V. **Mulheres-atletas e o esporte de rendimento: a questão do gênero.** In: SIMÕES, A. C. (Org.). *Mulher e Esporte: Mitos e Verdades.* São Paulo: Manole, 2003, p. 155-164.
- BRASIL. Ministério do Esporte. **Diagnóstico Nacional do Esporte.** Caderno I, Brasília: 2015. Disponível em: http://www.esporte.gov.br/diesporte/diesporte_grafica.pdf. Acesso em: 12 de Maio de 2016.
- COI. COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. Disponível em: http://www.olympic.org/Documents/Reference_documents_Factsheets/Women_in_Olympic_Movement.pdf. Acesso em: 18 de Maio de 2016.
- CROCHIK, J. L. **Preconceito: indivíduo e cultura.** 2ª ed. São Paulo: Robe, 1997.



- DOVIDIO, J.; GLICK, P.; RUDMAN, L. **On the Nature of Prejudice: Fifty Years after Allport**. Oxford, Blackwell Publishing, 2005.
- DUARTE, O. **História dos Esportes**. São Paulo: Makron Book, 2000.
- GOELLNER, S. V. **As mulheres fortes são aquelas que fazem uma raça forte: esporte, eugenia e nacionalismo no Brasil do início do século XX**. *Recorde: Revista de História do Esporte*, v. 1, 2008.
- GOELLNER, S. V. **Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história**. *Revista Pensar a Prática*, v. 8, n. 1, p. 85-100, 2006.
- GOELLNER, S. V. **Mulheres e esporte: sobre conquistas e desafios**. *Revista Anual do Observatório Brasil de Igualdade de Gênero*, Brasília, p. 72 - 74, 10 dez. 2012.
- JONCHERAY, H; TLILI, H. **Are there still social barriers to women's rugby?**, *Sport in Society*, v. 16, n. 6, p. 772-788, 2013.
- KNIJNIK, J. D. **A Mulher Brasileira & o Esporte: seu corpo, sua história**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2003.
- MEZAN, R. **Tempo de muda: ensaio de psicanálise**. São Paulo: Cia das Letras, 1998
- MILLER, A. **In the eye of the beholder: contemporary issues in stereotyping**. Westport: Praeger, 1982.
- MOURA, G. X. **Mulher e Esporte: O Preconceito com as Atletas de Rugby da Cidade de Maringá-Pr**. 2014. Monografia, Universidade Estadual de Maringá, 2014.
- MOURÃO, L. Exclusão e Inserção da Mulher Brasileira em Atividades Físicas e Esportivas. In: SIMÕES, A. C. (Org.). **Mulher e Esporte: Mitos e Verdades**. São Paulo: Manole, 2003, p. 123-154.
- OAKES P.; HASLAM A.; TURNER J. **Stereotyping and Social Reality**. Oxford, Blackwell, 1994.
- PACHECO, L. T. “Lugar de mulher... é no Rugby”: notas sobre relações de gênero e corporeidade no interior de Minas Gerais. In: Reunião Brasileira de Antropologia – Diálogos antropológicos expandindo fronteiras. **Anais...** Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, p.1-13, 2014.



PARGA, E.; SOUSA, J.; COSTA, M.; FERREIRA, S. **Estereótipos e Preconceitos de Gênero entre Estudantes de Enfermagem da UFBA**. Revista Baiana de Enfermagem, Salvador. v.14, n. 1, p. 111-118, 2001.

SAFFIOTI, H. **O Poder do Macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

STAREPRAVO, F. A. **Políticas públicas de esporte e lazer no Brasil: aproximações, intersecções, rupturas e distanciamentos entre os subcampos político/burocrático e científico/acadêmico**. Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

RIAL, C. S. M. Rúgbi e Judô: esporte e masculinidade. In: PEDRO, J. M.; GROSI, M. P. **Masculino, feminino, plural: gênero na interdisciplinaridade**. Florianópolis: Mulheres, 1998.

RICHARDSON, R.J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3ª ed., São Paulo: Atlas, 2007.

RODRIGUES, A.; ASSMAR, E.; JABLONSKI, B. **Psicologia Social**. Petrópolis: Vozes, 27ª ed. Revista e Ampliada, 2009.

VALOURA, L. C. Paulo Freire, o educador brasileiro autor do termo Empoderamento, em seu sentido transformador. 2006. Disponível em:

http://tupi.fisica.ufmg.br/michel/docs/Artigos_e_textos/Comportamento_organizacional/empowerment_por_paulo_freire.pdf. Acesso em: 12 de Maio de 2016.

WORLD RUGBY. Player Numbers. Disponível em:

<http://www.worldrugby.org/development/player-numbers>. Acesso em: 30 de Maio de 2016.

WRIGHT, J.; CLARKE, G. Sport, the media and the construction of compulsory heterosexuality: a case study of Women's Rugby Union. **International Review for the Sociology of Sport**, v. 34, n. 3, p. 227-243, 1999.

Giovanna Xavier de Moura: giovannax.moura@hotmail.com